

***CULTURA FENICIA
EM HUELVA***

Livro 113

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



MATERIAL PARA CONFERÊNCIAS APENAS, NÃO PUBLICAR

CULTURA FENICIA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Uma grande colaboração no conhecimento da cultura fenícia se fez na Península Ibérica, ainda que com importantes limitações, tanto pelos métodos vigentes como por fundamentos metodológicos grande parte da atenção até então se fez em estudos ceramológicos, feito este compreensível, entre outras questões, pelas bondades cronológicas intrínsecas a este fôssil diretor, e sua capacidade e entrelaçar ou entrelaçar-se em seqüências crono estratificadas e a que, acompanhado de um estudo funcional das formas, permitiam estruturar propostas caracterizadoras de processos culturais aos que só a Arqueologia podia dar uma resposta satisfatória: a materialidade de Tarteso, o fenômeno Orientalizante, a presença fenícia e púnica na península. Paralelamente, a desatenção a cultura material imóvel, salvo nos casos de nossa proto-história parecia limitar-se a arquitetura militar que, por sua própria materialidade além disso, apresenta sempre o melhor grau de conservação. É possível que de

forma inconsciente demasiados estudos arqueológicos normalizaram a artificial separação dos estudos entre cultura móvel e imóvel a hora de escrever todo tipo de conclusões dos processos aculturação-interação entre elementos mediterrâneos e os propriamente indígenas peninsulares. Recentemente se notou a não associação cultura móvel/elementos imóveis; planimetrias geometrizadas, quando não incompletas e não diferenciadoras das fases sucessivas. Não se trata tanto de “saber como...”, porém sem de assumir metodologias de trabalho normalizadas em estudos de técnicas construtivas e aplicadas aos referidos períodos. Partindo da arqueologia da arquitetura, desenvolveram uma específica linha de investigação, sob a denominação de “arqueologia da construção”.

A ARQUITETURA FENICIA

A arquitetura fenícia presente nos assentamentos do Sul peninsular identificasse em Huelva, séculos X e XI a.C. em cronologia radio carbônica calibrada, o descobrimento de Málaga, na ilha fluvial do rio Guadalhorce aporta dados consistentes de uma precoce presença fenícia como um fenômeno generalizado.

Encontra-se um modelo arquitetônico completamente oriental, sem precedentes na Península Ibérica, tanto pelas técnicas construtivas inovadoras, como são o emprego de cimentações, a arquitetura de barro, os revestimento deste material ou de cal, ou o emprego de pátio aberto cujos paralelos e precedentes há que buscar no Oriente, como pelas soluções técnicas arquitetônicas em elevações, tetos planos com possível uso de telhados e segundos andares, pavimentos e sistemas de pavimentação com postes e vigas de madeira. Estas técnicas se desenvolveriam nos séculos VIII e VI a.C. no Sul e Sudeste da Península Ibérica legando-nos um bom número de testemunhos.

ESCAVAÇÕES FENICIAS NO OCIDENTE

O estudo das escavações das moradias e quartos permitirá conhecer melhor o emprego dos espaços domésticos e os hábitos de quem os ocuparam permitirá aprofundar no conhecimento deste aspecto tão relevante da presença fenícia no Ocidente.



INOVAÇÕES DA ARQUITETURA

Uma das principais inovações da arquitetura doméstica fenícia ocidental dos séculos VIII e VII a.C. respeito da fase precedente inicial foi a substituição do barro por pedra nas bases dos muros e rodapés.

A primeira consequência de dispor de cimentações mais firmes e muros mais largos é a capacidade de fazer quartos de maior tamanho, com mais luz entre os muros de carga. Os pisos das moradias eram de terra batida e de argila vermelha ou amarela, as vezes com segundo andar com telhado ou em abrigara quartos cobertos.

AS MORADIAS

As moradias empregaram durante séculos os pátios, centrais ou não, tanto para dar iluminação às habitações como para albergar atividades de armazenamento e transformações dos alimentos para consumo, identificáveis pelos fogões para cozinhar, os fornos de pão, os moinhos de mão ou os sistemas de armazenamento de alimentos em vasos cerâmicos enterrados no chão ou dispostos sobre suportes de barro ou alvenaria. Outros espaços, nos casos em que se pode identificar, estavam destinados ao armazenamento e ao consumo, as vezes separadamente e as vezes em espaços polivalentes. As moradias incluíram lugares destinados à produção artesanal, já seja metalúrgica ou têxtil, assim como o armazenamento de líquidos. No âmbito doméstico podiam incorporar-se elementos sacros, como os pavimentos de conchas, e inclusive lugares com uma funcionalidade cultural exclusiva, ou inclusive pequenos santuários.

FORNOS DOMÉSTICOS

A presença de fornos domésticos no interior de algumas casas, porém não era sistemática. São fornos de forma de cúpula, feitos de barro com um diâmetro aproximado entre um ou dois metros que parecem para cozinhar alimentos, pão em particular. São muito comuns no Oriente, de onde vem o modelo e mostram paralelos como os fornos de Tell-Keisan. A ausência levou à construção de fornos em espaços abertos e comunitários dos assentamentos.



ANÁLISES NO DOMÉSTICO

Cabe assinalar que o surgimento nas cidades de bairros dedicados exclusivamente a trabalhos industriais reflete a citada especialização e divisão dos trabalhos. Documentam-se setores dedicados à metalurgia e outros com moinhos, armazéns e oficinas cerâmicas, etc. A marcada diferença entre umas estruturas e outras, assim como a organização e especialização nas diferentes atividades econômicas que foram vindos, reflexo de estamentos sociais.

ESPAÇOS CONSTRUÍDOS

Ainda com a falta de contextos, uma leitura arqueológica dos espaços construídos junto com a análise arquitetônica pode oferecer dados de relevância sobre a sociedade cartaginesa. A diferenciação de dois tipos de casas, em sua organização interna, em seus elementos e em sua disposição dentro do entramado urbano, revelam a marcada diferenciação, entre grupos sociais majoritários (escravos) e minoritários e com mais poder majoritários (grupos oligárquicos). No mundo fenício arcaico as atividades mercantis estavam sujeitas a uma autoridade de caráter estatal, referendadas pela legislação e garantidas por um amplo conjunto de pactos. O papel do templo/palácio como legitimador e sancionador dos intercâmbios era código. Porém com a eclosão do mundo urbano em época púnica, sobretudo desde o século V a.C., a sociedade e seus mecanismos econômicos giraram em torno a cidade, o que propiciou o crescimento de figuras emergentes no marco das famílias que controlaram e exploraram individualmente suas fontes de riquezas. No caso de Cartago seus encontros com outras culturas facilitou o autoabastecimento de muitos dos produtos

necessários para a população, em paralelo, supôs a criação de estruturas de armazenagem e de reparto de excedentes. Este novo marco de convivência facilitou a privatização do comércio e o desenvolvimento de um sistema de mercado “protocapitalista” cujo principal interesse está na obtenção de maior número de benefícios para uma nova classe social urbana: a burguesia mercantil de caráter oligárquico. Na sociedade púnica entre cidadãos e quem não o eram, duas classes distintas, um grupo oligárquico de corte aristocrático, formado por latifundiários e grandes comerciantes, e os plebeus. Isso foi dado a conhecer por um documento denominado Tratado de agronomia de Magón que organizava a produção agrícola entre os proprietários e qual há de ser o papel dos grandes proprietários de terras no entramado social. O grupo oligárquico dispunha de escravos.

FENÍCIOS EM PORTUGAL

A área de maior presença de materiais de procedência fenícia na atual costa atlântica portuguesa se enquadra no Algarve, ao sul da atual Portugal e ao redor dos estuários dos rios Tejo e Mondego, áreas estas mais precocemente visitadas pelos navegadores fenícios. Claros indícios precoces são questões metalíferos e ao qual que no solo hispânico – a agricultura, a exploração do sal, e a produção da púrpura, entre outras.



O EMPÓRIO FENICIOS PRÉ COLONIAL DE HUELVA

Mil anos antes de Cristo, as naves fenícias iniciaram a maior viagem comercial marítima da Antiguidade pré romana. O ouro, a prata e o marfim figuram entre os produtos de luxo que os que se abasteceram no longínquo Oriente, difundiram elementos de tão elevada cultura com a escritura ou o conceito de cidade.

O livro que estão baseadas estas descrições aporta uma documentação inédita e singular abre uma nova porta à compreensão das primeiras navegações fenícias ao Ocidente, os interesses que as promoveram e os que delas podem refletir o topônimo fenício-hebraico Tarsis, quando, referido à época de Hiram de Tiro e Salomão de Israel, no século X a.C., aparecer por primeira vez no versículo bíblico 10,22 do “Livro dos Reis”.



HUELVA AGRÁRIA

Em Huelva estão confirmados os seguintes restos de atividades Agrárias:

O estudo de D.Javier Sánchez Hernando informa da presença se sementes de uva (*Vitis vinífera*) figos (*Ficus carica*) e do gênero *Hordeum*. O revestimento interior de algumas ânforas com alcatrão havia que relacioná-lo com o transporte de vinho, ainda que também de charcuterias.

HUELVA GANADEIRAS-CINEGÉTICAS

Em Huelva estão confirmados os seguintes restos de atividade Ganadeiras-cinegéticas.

Ainda que uma quantificação de restos ósseos não é completamente confiável ao não haver sido sua recuperação exaustiva, são frequentes os bóvidos (*Bos Taurus*) e Ovídeos e Caprinos (*Ovis aries* e *Capra hiscus*). Também se encontram testemunhados restos de suínos, equinos, canídeos, avifauna (galináceas ou anatídeas e pássaros) e outros por determinar quando se realizar o estudo especializado. Os restos dos cérvidos (*Cerus elaphus*), javali (*Sus scrofa*) e coelho (*Oryctolagus cuniculus*) são anedóticos em relação com as cabanas domésticas, pelo que os mamíferos silvestres ocupavam um papel muito secundário como fonte de alimentação. Não obstante, não podem se obviar o caráter recreativo e os elementos simbólicos da caça, evidenciados pelos já referidos corno de servo e suposto dente de urso perfurados utilizados como colares.

HUELVA PESQUEIRA

Em Huelva estão confirmados os seguintes restos de atividade pesqueiras:

Pendente também por detalhar o estudo da ictiofauna, estão já confirmadas várias espécies de apreciado valor gastronômico: corvina (*Argyrosomus regius*), pargo (*Pagrus pagrus*), dourado (*Sparus aurata*), arraya (*Raya* sp, *Myliobatis aquila* ou *bovina*) sardinha, (*Sardina pilchardus*) y sepia (*Sepia officinalis*), cuja captura continua na atualidade nas mesmas águas. Também se documentam restos de crustáceos e cascos de quelônios. O achado de um fragmento de corpo de ânfora com escamas de pescado aderidas na superfície interior é similar à de embutidos. Quiçá podem também relacionar-se com esta indústria quatro ânforas recobertas com alcatrão em seu interior, ainda que as três primeiras parecem produções orientais, pelo que, mais provavelmente, haveria que as vincular com a importação de vinho. Também é numerosa a presença de murices (*Murex trunculus* y *Murex brandaris*, tanto pelo interesse gastronômico como decorativo e funcional de suas conchas. Uma curiosidade, documentou-se um fragmento de mandíbula de um cetáceo.

UM SIMPLES ACHADO

Uma curiosa dedução em um simples achado: Os fenícios transportaram cerâmicas sardas a Creta e Huelva. Numerosos epigrafistas leem na inscrição fenícia da estela de Nora em Sardenha o topônimo Tasis e, em opinião compartilhada, Norax, o típico fundador de Nora, ainda procedendo de Tarteso, poderia ser fenício. Quiçá na versão primitiva desta lenda, no suposto de que encerrasse um fundo verídico, figurasse Tasis e não Tarteso, pois em Nora, além da estela, se registra uma intensa atividade fenícia antes de que o termo Tarteso apareça na literatura grega.



O PÂNTANO DE HUELVA

O pântano de Huelva representa o nascimento e a consolidação de um empório dependente dos interesses de uns agentes estranhos cujas atividades distavam muito dos erráticos movimentos aventureiros de fortuna.

Há um período de longa evolução, em que o registro arqueológico vem representado fundamentalmente por ânforas de transporte, sucederá, desde inícios do século VIII a. C., um súbito desenvolvimento. As razões que moveram aos fenícios a fixar-se no lugar ficariam refletidas em numerosos achados: progressivamente se estabeleceram especialistas metalúrgicos, artesãos, ceramistas, em ebanesteria, marfim, cantaria, construção naval, etc, que dominam técnicas novas e vão interagir fortemente com o mundo indígena e introduzir novas mudanças na exploração do território, aproveitando a maior escala dos recursos existentes a curto e meia-longa distância. A demonstração precoce do triplo benefício de cobre, prata e ferro assegura seu principal interesse: a provisão de metais, especialmente prata, que beneficiada em anos sucessivos a escala gigantesca para a época determinou o enriquecimento de Tiro por seu valor premonetal e como metal precioso.

O EMPÓRIO DE HUELVA SÉCULO VIII a.C.

Na primeira metade do século VIII a.C., este empório de Huelva, já vem estabelecido, deveu participar do planejamento das colônias fenícias do sul da península ibérica e costas africanas. Ainda que a presença do marfim e ovos de avestruz já indica contato com África anteriores à expansão colonial, também deveram estabelecer contatos com Portugal se desde os primeiros momentos existiu interesse pelo estanho. Pode, igualmente, produzir-se algum tipo de assentamento na estratégica ilha de Cadiz. Mais tarde, o mesmo habitat, fortemente industrializado e que havia alcançado uma amplitude ao redor a vinte hectares densamente urbanizados, seria conhecido pelos gregos como Tarteso e qualificado como cidade-empório.

NOTA: Este material foi publicado sob forma de livro pelo Govern de les Iles Balears, ARQUITECTURA URBANO Y ESPACIO DOMÉSTICO EN LAS SOCIEDADES FENICIO-PÚNICAS – XXVIII JORNADAS DE ARQUEOLOGIA FENICIO-PUNICA (EIVISSA, 2013) Editado por Benjami Costa y Jordi H. Fernández, Eivissa, 2014.

NÃO APTO PARA PUBLICAÇÃO APENAS PARA CONFERÊNCIAS

Roberto Curi Hallal

